



Edição 2021: Volume 3, Número 1
“Diálogos interdisciplinares”

Artigo 1: LOPES, Ricardo Cortez. De que modo o capitão do mato contemporâneo pode ajudar a entender interpretações sobre o racismo brasileiro?

RICARDO CORTEZ LOPES

De que modo o capitão do mato contemporâneo pode ajudar a entender interpretações sobre o racismo brasileiro?

Cuiabá/MT
2021

Resumo: em uma perspectiva pré-republicana, o capitão do mato foi o nome de uma profissão cuja finalidade era a de capturar escravizados brasileiros. O fim oficial da escravidão no país deixou a profissão descontextualizada, porém ela pode ser ressignificada e é utilizada constantemente no debate público como adjetivo, o que evidencia interpretações sobre a dinâmica do racismo contemporâneo. Para investigar o problema, primeiramente estudamos quatro figuras públicas acusadas de ser capitão do mato, assim como suas defesas da atribuição: Fernando Holiday, Deputado Hélio Lopes, Marcelo Marrom e Paulo Cruz. Em um segundo momento, analisamos os textos que expressam e embasam os diferentes conceitos.

Palavras-Chave: capitão do mato contemporâneo; racismo; figuras públicas.

Abstract: From a pre-republican perspective, the captain of the bush was the name of a profession whose purpose was to capture Brazilian slaves. The official end of slavery in the country has left the profession out of context, but it can be resignified and is constantly used in the public debate as an adjective, which shows interpretations of the dynamics of contemporary racism. To investigate the problem, we first studied four public figures accused of being captain of the bush, as well as their attribution defenses: Fernando Holiday, Deputy Hélio Lopes, Marcelo Marrom and Paulo Cruz. In a second moment, we analyze the texts that express and base the different concepts.

Key words: contemporary captain of the bush; racism; public figures.

Introdução

As características do regime escravocrata brasileiro sem dúvida são um dos assuntos mais debatidos no ambiente público, pois dele parte uma série de discussões relacionadas ao posicionamento de grupos sociais contemporâneos. Tais discussões engendram militâncias que almejam a igualdade por meio de diferentes concepções e ações.

É importante ressaltar que estamos tomando militância no sentido mais original, de *militar*, no sentido de luta:

[...] o militante político é alguém que se sente parte de um coletivo oprimido, explorado ou prejudicado de alguma forma e se organiza com pessoas com a mesma visão para conquistar direitos e poder. Além de lutarem por um objetivo específico, muitas vezes os militantes também acreditam em um projeto melhor de sociedade do que o atual (SETO, 2018, s/p)

Nesse sentido, é possível encontrar militância em grupos cujos indivíduos compartilham a ideia de que há uma exploração ou prejuízo diante de uma questão social,

e produz um ativismo para consolidar uma visão (MORENO, ALMEIDA, 2009). Nesse sentido, a definição abarca tanto atores que desejam uma mudança mais estrutural nas relações quanto aqueles que almejam alterações mais pontuais. Como veremos adiante, a atribuição da pecha capitão do mato evidencia todas essas referências grupais.

O trabalho é relevante pela grande controvérsia social em volta do assunto. Isso porque o passado escravagista tupiniquim e suas ressignificações fazem parte da construção do julgamento moral de alguns grupos, em especial aqueles que focam sua visão no racismo:

Argumentava-se que devido aos crimes, aos danos e às atrocidades causadas pela escravidão, o Estado brasileiro teria uma dívida não só moral, mas também material com todo descendente de africano escravizado. O trabalho não remunerado por quase quatro séculos teria significado uma expropriação do negro, que precisa ser reparado materialmente. Este é o princípio norteador do movimento das reparações em todo o mundo. Os judeus, por exemplo, foram indenizados pelo Estado alemão em decorrência do genocídio promovido pelo nazismo. Os africanos escravizados também teriam sido submetidos a um “genocídio” – que incluía o sequestro da África, o confisco de bens materiais, a devastação populacional, o tráfico negreiro -, por isso seus descendentes aqui deveriam ser compensados pecuniariamente (DOMINGUES, 2008, p.107)

Ou seja, a questão salarial aparece com força: partindo de que a cada trabalho corresponde a uma remuneração, o serviço gratuito de outrora precisa ser pago aos descendentes atualmente, que sem ele não puderam inserir-se socialmente. É uma visão que coloca a história como explicação: nesse caso, ela é incorporada e só vai ser superada quando suas consequências forem sanadas. A contradição de um trabalho não ser remunerado só pode ser corrigida por via de políticas sociais. Outras posições reafirmam que a história não cumpre com o papel de argumento. Este tópico, no entanto, é apenas um daqueles que serão tratados nesse texto.

Capitão-do-mato: um conceito oriundo de um cargo

A escravidão é fenômeno antigo, acontecido já em sociedades arcaicas, e poderia ser definido como uma condição de trabalho cuja remuneração (ou retribuição) é evitar a morte do escravizado ou manter intacta um sentimento de honra pessoal. Todavia, há um divisor de águas nessa atividade social:

A escravidão era aceita, durante a Idade Média, tanto no mundo cristão como no islâmico e o Renascimento viria a reforçar as concepções clássicas sobre essa instituição social e jurídica. Acreditava-se que o tempo livre, decorrente do uso do trabalho escravo, permitia que uma elite pudesse florescer e, na África, os conquistadores locais costumavam escravizar os inimigos e vizinhos derrotados no campo de batalha. Na Europa, a servidão era onipresente, referida pela ambígua expressão latina, *servitus*, a um só tempo servidão e escravidão. A escravidão doméstica também era prevalente na África e seu crescimento, em parte, independia do comércio atlântico. A escravidão foi introduzida no Brasil neste contexto e os colonizadores portugueses usaram primeiro os indígenas e depois passaram a trazer africanos para todo tipo de trabalho (FUNARI, 2001, p.17)

A escravidão tomou outras significações no projeto moderno, pois ela se voltou diretamente para o trabalho em grande escala e buscou o lucro privado, a maioria das vezes ligado ao setor primário:

Nos séculos que se seguiram ao colapso do Império romano, a escravidão não desapareceu por completo na Europa ocidental e mediterrânea. No entanto, no decorrer da Baixa Idade Média, a escravidão como sistema de trabalho deixou de existir no Ocidente europeu, excetuando-se os países do Mediterrâneo, isto é, das penínsulas Ibérica e Itálica. Mesmo aí, ela foi, nos séculos XIV e XV, tão-somente uma instituição urbana, com importância limitada no conjunto da economia; o emprego em larga escala de cativos na produção agrícola havia se tornado residual nestas últimas regiões. A recriação do escravismo, com o emprego massivo de escravos nas tarefas agrícolas, seria realizada por portugueses e espanhóis só após a segunda metade do século XV, com a introdução da produção açucareira nas ilhas atlânticas orientais (Canárias, Madeira, São Tomé), e, no século XVI, com a colonização da América (MARQUESE, 2006, p.110)

Os proprietários brasileiros tentaram escravizar primeiramente os nativos, porém as divisões sexuais do trabalho inviabilizaram esse plano inicial. Assim, foram capturados africanos e trazidos para o continente americano. A escravidão só foi acabar de maneira integral e oficial em 1888, através da Lei Áurea.

Assim sendo, a escravidão oficial no Brasil é um fenômeno colonial e imperial. Porém, como ele demarcou uma estrutura social tão longa, possui a força de um mito de criação. A relação entre escravo e senhor é uma das relações possíveis, ainda havia outras ocupações, como a do capitão do mato:

Depois de Palmares os escravos não conseguiram reproduzir no Brasil qualquer coisa próxima. Os senhores e governantes coloniais cuidariam para que o estrago não se repetisse. Foi criado o posto de capitão-do-mato (também conhecido como capitão-de-entrada-e-assalto e outros termos), instituição

disseminada por toda colônia como milícia especializada na caça de escravos fugidos e na destruição de quilombos (REIS, 2008, p.1)

Ou seja, o capitão do mato, de um ponto de vista meramente formal, era quem buscava escravos que fugiam, que supostamente haviam conquistado a liberdade e a haviam tomada novamente: “houve uma progressiva especificação das funções do capitão-do-mato — responsável legal nas diferentes localidades da América portuguesa pela captura de escravos fugitivos” (MARQUESE, 2006, p.108). Mas o capitão do mato é um cargo oficial:

[...] dentre os diversos mecanismos desenvolvidos pelo sistema escravista para fazer frente a fuga de escravos e a constituição de quilombos, destaca-se a criação de uma tropa especializada. Era a tropa de “homens-do-mato” encarregada de combater os “negros-do-mato”. Esta tropa estava organizada em uma sequência hierárquica constituída dos seguintes postos: soldado-do-mato, cabo-do-mato, capitão-do-mato, sargento-mor-do-mato e capitão-mor-do-mato (GUIMARÃES, 1988, p.8)

Ou seja, existe uma guerrilha “do mato” e uma guerra contra os quilombos, que é direta e entre grupos. O curioso é que foi justamente o capitão a patente que ficou mais cristalizada na memória coletiva.

O que realmente complexifica a questão do capitão do mato é a etnia do contrato: se o analista parte da visão focada na raça, o mero fato de um capitão do mato ser negro ou ex-escravizado lhe confere que o esperado seja alinhar-se ao grupo escravo - consideramos os escravos como um grupo, mesmo que houvesse o esforço de atomizar esses indivíduos por meio da posse individual, o que dificultava sua reunião física, porém não impede um compartilhamento de uma autoimagem. Visões mais interseccionais podem surpreender-se menos com a aparente contradição, por conta das outras identidades possíveis carregadas por cada escravizado. Outra questão, que não pode ser investigada cientificamente, é acerca da intencionalidade: o capitão do mato realizava sua atividade fim por livre empresa ou por coerção? No primeiro caso criar-se-ia certa razão para ressentimento do grupo escravizado. No segundo, apesar de formalmente livre, cria-se um compartilhado: não há autonomia de agir nem no escravo e nem no capitão do mato, o que o inclui no grupo em alguma característica.

É essa visão mais passadista que traz de volta a figura do capitão do mato, pois ele deixa de ser uma subjetividade histórica e se torna um mecanismo explicativo das desigualdades. O grupo negro é encarado como resistente ao racismo, compartilhando a negritude e por essa razão sendo coeso. A luta pela igualdade de fato segue, e o capitão

do mato torna-se um dos - senão o maior - responsáveis pela desigualdade racial. O quilombo dos palmares aparece como uma transcendência desse quadro por criar um grupo escravo com aproximação física, uma deliberação própria do grupo. Disto seria possível derivar ou a) uma “consciência de classe” escravizada e uma luta pela igualdade política e econômica, o que alguns que pode ter sido encarada como resistência à escravidão (como dizem discursos militantes), ou b) uma preocupação com a subsistência (como apontam alguns revisionismos). É bastante infrutífero conferir intencionalidades para figuras históricas já falecidas e que não deixaram escritos, uma vez que elas não podem ser entrevistadas. Assim, o mais provável é que essas duas ideias circulassem no grupo palmares, acompanhada de outras, mas em outros:

No ano de 1995, em comemoração ao tricentenário da morte de Zumbi dos Palmares, as diversas organizações do movimento negro brasileiro organizaram a Marcha Zumbi dos Palmares Contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida, realizada no mês de novembro, em Brasília. O evento reuniu mais de 20 mil pessoas e contou com o apoio de várias organizações de esquerda que, naquele momento, estabeleceram um pacto político de participarem da luta antirracista (GOMES, 2011, p.142)

Assim sendo, se Palmares e Zumbi forem considerados como símbolos de ativismo, e o capitão do mato, por ser um dos mecanismos para suprimir esse tipo de iniciativa, vai ser alvo de igual energia, porém em sentido contrário. Ou seja, o capitão do mato vai ser motivo de reprovação moral na mesma medida, por impedir a igualdade por via da luta racial. Cumpre notar que apareceu uma outra definição histórica de capitão do mato:

Negros que ascendiam socialmente e passavam a integrar a classe média na sociedade brasileira, logo eram chamados assim a partir da indignação dos brancos com sua ascensão. Para esses brancos era indigesto ver negros ascendendo socialmente, então chamá-los assim diminuía seus méritos e os colocava fora de seus “devidos lugares” subalternos e humilhantes (JUNIOR, 2018, s/p)

Esse trecho deve ser encarado como um depoimento militante, pois o texto em si não fornece dados ou aponta alguma fonte - mesmo que seja plausível. De qualquer maneira, o capitão do mato aparece como uma maneira de reafirmar uma exclusão do mérito. Mas antes de ver a formulação dos diferentes conceitos, vamos observar a trajetória dos acusados de serem capitão do mato.

Trajatória dos acusados e como respondem à acusação

Conhecer a trajetória dos quatro acusados ajuda a entender como alguns grupos militantes identificam comportamentos e os categorizam. São quatro os hostilizados: o vereador Fernando Holiday, o Deputado Hélio Lopes, o humorista Marcelo Marrom e o professor (licenciado em filosofia) Paulo Cruz. Como vai se observar, existem algumas regularidades nessas trajetórias. O filósofo Paulo Cruz nasceu em São Paulo:

Nasci em Guarulhos, nasci no bairro do Gopoúva, em Guarulhos, morei lá até os 9 anos, depois a gente mudou para o Jardim Tremembé, onde eu fui criado, saí de lá só quando eu casei, aí morei um tempo num bairro próximo, Vila Guilherme, hoje moro ali próximo, Jaçanã [...] Meu pai era advogado, um advogado batalhador assim, que se formou tarde e tal, mas era advogado e contador, faleceu em 2012, alguém de quem eu sinto muita falta, mas tenho uma saudade gostosa dele assim, fomos muito ligados e próximos e minha mãe, assim, quando eles... foi engraçado porque eles casaram e aí ela deixou de trabalhar, trabalhava desde pequenininha, com 12 anos ela trabalhava, já tinha conta, ela diz que tinha uma conta na vendinha, aos 12 anos, que ela tinha cadernetinha, ela trabalhava e ia lá, porque a mãe criou 7 filhos sozinha, aquela coisa do vem de Minas para cá com o marido, o marido fala vou ali comprar cigarro e nunca mais aparece [...] (CAMARGO, 2018, s/p)

O intelectual possui formação em computação e também em filosofia, além de mestrado nessa segunda área. Atualmente atua como professor de Filosofia e Sociologia no ensino público brasileiro. Foi citado que seu pai possui ensino superior e que o cursou ao mesmo tempo em que trabalhou pela subsistência, após ter um estalo de que apenas com educação superior receberia uma remuneração maior. A acusação de capitão do mato veio de internautas, e nunca pessoalmente:

Eu não sei... o capitão... era uma situação difícil, então as vezes o próprio sujeito sentia mal com aquilo, então tá bom, quer rotular, tá beleza. O problema é que eu to fazendo meu trabalho quieto, eu não vou na página de ninguém, eu não vou no twitter de ninguém, eu não vou falar com ninguém, ah não ser que seja uma coisa muito provocativa, que eu tenha de intervir lá, mas geralmente eu não faço. Aí o sujeito aparece na minha página e me chama de capitão do mato, mas quem tá me perseguindo é você, eu nem sei quem você é, então o capitão do mato é você [...] eu penso do jeito que eu quiser (PAN, 2019, s/p)

Percebe-se que intelectual vira a acusação contra o acusador. A questão de atrelar uma identidade racial a um pensamento necessariamente correspondente é considerado por Cruz como o verdadeiro racismo. Justamente o capitão do mato é quem está

perseguindo os negros que pensam diferentemente para trazê-los de volta a essa associação causal. Mais adiante o argumento será aprofundado, pois o filósofo defende o vereador. Outro acusado é o carioca Marcelo Marrom:

Marcelo Marrom nasceu em Niterói no ano de 1971. Filho de José Luiz de Moura e Talita Costa de Moura, Marrom teve uma infância feliz ao lado de três irmãos. Na adolescência, mudou para a cidade de Macaé-RJ, onde casou e teve dois filhos, Mariah e Cauê. Antes, aos 23 anos, ele se formou na Escola Técnica de Publicidade, no Rio de Janeiro, mas optou por viver de música tocando e cantando em bandas de baile e barzinhos da região dos lagos do estado do Rio. O humor sempre esteve presente em sua vida. Em Macaé Marrom comandou por dois anos o programa de rádio líder de audiência, Balbúrdia 95. Aos 35 anos mudou para São Paulo para integrar a Cia de humor Deznecessários. Na terra da garoa teve o seu terceiro filho, Luca, fruto do seu segundo casamento. Renata, esse é o nome da mulher que conquistou o coração do negão. Marrom divide seu tempo entre viagens com a peça, gravações do programa Altas Horas e a família. Quando está de folga gosta de curtir um bom vinho e ver TV (MARRROM, s/d, s/p)

A infância do humorista foi definida como satisfatória, e não foram citadas dificuldades financeiras (tal qual o filósofo), nem uma família que se desfez - as informações sobre as ocupações de seus pais não foram disponibilizadas também. É claro que as dificuldades podem ter sido omitidas justamente por conta da profissão de Marcelo Marrom, a de humorista que não se vende como a variante política. Como ele responde à acusação de capitão do mato, feita por uma filósofa?

Djamila falou que eu sou um neocapitão do mato, ela me julgou assim e nunca foi no meu show, até mandei email pra ela tentando esclarecer, porque é uma parceira de guerra, de luta, artista também, escritora, mas ela nem me respondeu, e eu fiquei taxado como neocapitão do mato por ela, mas isso é, assim, que que é ser um... um cara que persegue os negros [...] pra mim é muito ruim que uma colega me veja dessa maneira, porque é tudo que eu não sou. Meus shows tinham inclusive... proposta número 1, ideal número 1 do humor é fazer rir, comédia é para fazer rir, mas se eu puder conscientizar também, porra, é legal, então muita piada de preto que tava na minha boca chegava no final “putz, eu falava isso para o motorista e nunca percebi que tava sendo racista” [...] a pessoa pega uma frase isolada, um trecho de um programa que fui, e tal, provavelmente ela vai achar que eu sou um neocapitão do mato (PAN, 2018, s/p)

A reação de Marrom foi a de temporizar. Se o filósofo virou a acusação de volta, o humorista não a negou em possibilidade, mas sim em atribuição. Ele se diz ainda como um militante contra o racismo, mesmo que não tenha declarado vinculação ao movimento negro. Defende-se afirmando que a acusação é possível se tirar suas falas de

contexto - o que poderia ser uma crítica indireta à filósofa, que não utilizou do rigor na tirada de suas conclusões.

O próximo da lista é o deputado Hélio Lopes. Um detalhe interessante sobre o parlamentar é a falta de informações sobre sua biografia. Isso pode acontecer porque ele é militar e opta por suprimi-la ou porque justamente ele não deseja lançar mão de sua biografia para comprovar suas ideias. Aparentemente, o deputado pretende apenas expressar as suas ideias, apagando sua subjetividade. As informações coletadas são a seguinte:

Mas o deputado se emociona mesmo quando fala da mãe, dona Neli, de 88 anos. “Você tem Instagram aí? Olha o que eles aprontaram para mim na semana do meu aniversário, no final de março”. Helio Lopes localiza no aplicativo um vídeo da mãe, que foi empregada doméstica, em sua festa surpresa no gabinete em Brasília. Ao ver a mãe, levada à capital federal pelo chefe de gabinete, amigo e fiel escudeiro, Jackson, o deputado chora. Ao rever a cena no vídeo, ele embarga a voz e diz, apontando para a tela do celular: “Essa aí é a minha vida”. O deputado é filho de dona Neli e de um mestre de obras, já falecido. Lopes tem família grande, e nem todos concordam com suas posições políticas, principalmente os das novas gerações. E aí? “E aí que tudo ótimo, viver na democracia é assim. A gente precisa respeitar todo mundo” (SADI, 2019, s/p)

Ou seja, os pais possuíam ocupações manuais e sua família seria numerosa, mas esses dois traços ainda não são determinantes para se assegurar que sua origem foi humilde. O que pode ser determinante é outra informação:

Queimados é parte da Baixada Fluminense, uma das regiões mais pobres e violentas do Estado do Rio de Janeiro. Foi ali que Hélio nasceu e cresceu. A casa onde morava sequer tinha água encanada. Para superar as dificuldades, Hélio fez como muitos jovens em condição semelhante que não optam pela criminalidade. Engajou-se nos quadros do Exército. Na carreira militar, chegou a subtenente. Foi para a reserva como capitão, mesma patente de Bolsonaro (FIGUEIRA, 2019, s/p)

Ou seja, não é relatado nenhum relacionamento direto com o movimento negro, embora haja uma trajetória política associada ao candidato Jair Messias Bolsonaro: “Boa parte de sua agenda política destinava-se a visitar quartéis. Foi em um deles que conheceu o militar Hélio. A partir daí, tornaram-se amigos” (FIGUEIRA, 2019, s/p). A frase de Lopes é emblemática: “o Bolsonaro me enxergou” (FIGUEIRA, 2019, s/p). Talvez seja possível interpretar essa afirmação por meio de um breve essencialismo: Bolsonaro pode ter tido mais afinidade com o político do que qualquer outra pessoa, talvez por não

ressaltar sua etnia. E é uma suposta militante do movimento negro que o acusa de capitão do mato e se retira, ao que ele responde: “Ser chamado de capitão do mato por alguém como você é um elogio”(MILITAR, 2019, s/p). Nesse caso, ele não está devolvendo a atribuição ou a negando: está apenas desmerecendo a militante, evidentemente nervosa. O deputado afirmou que gostaria de ter as suas ideias respeitadas como respeita as da militante. O último acusado é o vereador Fernando Holliday:

Fernando Silva Bispo (Fernando Holiday) nasceu em 1996, na cidade de São Paulo, e apresenta-se em sua página no Facebook como coordenador Nacional do Movimento Brasil Livre e vereador eleito pela cidade de São Paulo, com 48.055 votos. Ostentava, na rede, em outubro de 2016, mais de 171 mil curtidas. Foi aprovado para o curso de filosofia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), mas não chegou a cursá-lo. Em novembro de 2015 e da tribuna da Câmara dos Deputados resumiu assim seu currículo pessoal e suas crenças: A esquerda que governou este país só sabe reclamar, só sabe se vitimizar. Eu quero dizer aqui, que eu, como negro, como pobre, como homossexual, não me vitimizo. Eu venho aqui, eu vou a qualquer lugar, porque eu quero lutar, eu quero alcançar o meu sucesso, não me rastejar atrás do Estado (MESSEMBERG, 2017, p. 639)

Não há uma menção direta à vida pregressa, mas o indivíduo se determinou como “pobre”. A questão da homossexualidade o colocaria também dentro do grupo LGTBI+, porém o político rejeita essa atribuição coletivista ao reforçar sua busca por “meu sucesso”. Ele foi acusado de capitão do mato pelo governador do Ceará Ciro Gomes. A controvérsia gerou a manifestação de lideranças do movimento negro, que foi a quem Holiday respondeu:

Todo negro que é contra esse vitimismo, que são as cotas raciais, deve ser atacado e deve ser perseguido. O movimento negro, hoje, no Brasil, faz um verdadeiro trabalho de capitão do mato, perseguindo todos aqueles que não concordam com as suas ideias, que destoam de seu discurso. As cotas raciais acabam por reforçar o racismo. Na verdade, somos todos iguais, temos as mesmas capacidades e não precisamos de um privilégio ou de outro (MESSEMBERG, 2017, p. 639)

Semelhantemente ao filósofo (que aliás o defendeu), a atribuição é virada para o emissor: o movimento negro (e não o internauta) é o capitão do mato, e o senhor é o discurso do vitimismo. Isso mostra o alcance da figura pública de Holiday, pois o movimento negro aparentemente se une para o atacar.

De um ponto de vista quantitativo, portanto, o acusado de capitão do mato não possui vinculação ao movimento negro a despeito de possuir origem humilde, o que aponta para uma ressignificação de sua trajetória. Todos agruparam as suas dificuldades em um mesmo bloco e as usa para singularizar a sua trajetória - o que é o contrário de um discurso mais coletivista, que realiza uma dedução do todo explicar a parte. De diferenças entre os acusados, o único destes que não lida com militância ou política é o comediante, e o único que concluiu ensino superior foi o filósofo. Metade é de São Paulo e outra metade é do Rio de Janeiro. Apenas Holiday é jovem adulto, o restante dos acusados é de meia idade, e publicamente homossexual, além de não ter constituído família nuclear.

Análise do corpus

A apreciação dos textos apontou para diferentes conceptualizações do que viria a ser um capitão do mato contemporâneo e das questões que o circundam. Na análise do material algumas categorias surgiram: construção de um grupo, um contexto de divisão de grupos e um grupo privilegiado e uma definição direta do que é capitão do mato.

Construção de grupos

Existem algumas teorias que afirmam que o ser humano, após o desligamento com a mãe, busca outras formas de se sentir novamente ligado a algo maior do que ele mesmo (HONNETH, 2013). Nesse sentido, os grupos conseguem trazer os ideais que transcendem o indivíduo e que criam o laço de solidariedade. Assim, um grupo é um conjunto de indivíduos que se associam por compartilharem uma ou mais ideias e celebrá-la pelos meios que lhe são próprios (DURKHEIM, 2017).

O incentivo para a existência de múltiplos grupos sociais é característica marcante das sociedades de tipo pluralista (LAHIRE, 2002). Nelas os grupos devem compartilhar os valores mais gerais, porém aqueles mais específicos não são oficialmente proibidos ou estigmatizados. É claro que se trata de uma ideia que é um horizonte.

Nesse tópico, vamos mostrar os grupos detectados e os seus compartilhados grupais, na perspectiva dos militantes. Uma primeira concepção ressalta muito a divisão dos grupos pelo compartilhado genético - ou ao menos fenotípico. Isso fica bem evidente na seguinte fala: “Não corrigir distorções históricas contra negros e pobres favorece brancos ricos e de classe média. O caminho do sucesso profissional para negros e pobres

é muito mais tortuoso se ele não nascer com talento para música ou artes” (FONSECA, 2017, s/p). Ou seja, a distorção histórica cria o compartilhado do grupo dos favorecidos (e brancos) e negros (e pobres). Nesse caso, há um quê de intencionalidade, de controle do processo social. O militante utiliza ainda dados estatísticos:

Então vamos a frieza dos números. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 53,6% dos brasileiros se declaram negros ou pardos. Conforme o mesmo IBGE apenas 12,8% dos estudantes universitários são negros ou pardos (FONSECA, 2017, s/p)

O militante confronta a distribuição de frequência desses grupos na população brasileira e toma a universidade como indicador da parte econômica. A questão é que essa lógica é evidente quando se confronta os dados, mas é ocultada por subgrupos:

Tão eloquente quanto loquaz, Ciro cometeu uma burrice ao comparar Holiday a um capitão do mato. Primeiro porque a maioria dos apoiadores do MBL [Movimento Brasil Livre], movimento cujo vereador paulistano é um dos líderes, não se dão muito bem com os livros de história. Segundo porque ele trouxe ao centro das atenções uma turma que estava em baixa na Internet nos últimos dias (FONSECA, 2017, s/p)

Ou seja, a fala de Ciro destacou o subgrupo (MBL) que estava justamente ocultando esta relação de construção de grupos, nesse caso por desconhecimento. Nesse caso, os membros do partido não fazem parte do grupo dos donos do poder, mas acabam por cumprirem a noção de corroborar esse ocultamento da realidade.

Outra militância que foi encontrada foi a de Djamila Ribeiro, a respeito de Marcelo Marrom:

Assim como houve pensadores como Sartre, por exemplo, que criticava a arte pela arte, propondo uma arte engajada, Henfil, grande cartunista brasileiro, foi adepto de um humor engajado politicamente, não o humor pelo humor, como o próprio definiu: “procuro dar meu recado através do humor. Humor pelo humor é sofisticação, é frescura. E nessa eu não tou: meu negócio é pé na cara” (RIBEIRO, 2014, s/p)

A filósofa parece partir de uma visão parecida da do militante anterior, concebendo que o engajamento político evidencia a diferença dos grupos, acabando com o ocultamento. Isso fica evidente na vivência dos subgrupos da vida cotidiana:

Durante muito tempo, eu tive receio de passar perto de grupos de adolescentes. Quando criança, fui alvo de piadas e chacotas por ser negra. Ao passar por um grupo desses, era inevitável ouvir alguma gracinha do tipo: “olha, sua mina aí”, “e aí, não vai apresentar?”. E o garoto “alvo da zoação” se defendia: “sai fora, está louco?”, “para de me zoar!”. Ter uma namorada como eu era algo impensável. A pretensão criada neles fruto de um sistema que os privilegia, os cegava para o fato de que eu é quem poderia não querer-los. Mas, para eles, eu era só uma “neguinha”, alguém que merecia ser ridicularizada e deixada de lado. Esse receio me acompanhou até o início da fase adulta. Eu preferia atravessar a rua a ter que ouvir essas coisas que me machucavam. E o que as pessoas me diziam? “Deixa pra lá, é só uma brincadeira”. E toda a sociedade concordava com esses meninos: eu não me via na TV, nas revistas, nos livros didáticos, em minhas professoras (RIBEIRO, 2014, s/p)

O subgrupo, no caso, ressaltava o aspecto racial. No caso, ela e sua filha pertencem ao grupo negro, e os adolescentes provavelmente pertenciam ao grupo negro porque ela utilizou a palavra “privilegiava”. Nesse caso, o humor de Marcelo Marrom o faz pensar que ele faria parte do grupo privilegiado. Porém, o resultado pode ser desprezo:

É preciso perceber que o humor não é isento, carrega consigo o discurso do racismo, machismo, homofobia, lesbofobia, transfobia. Diante de tantos humoristas reprodutores de opressão, legitimadores da ordem, fico com a definição do brilhante Henfil: “o verdadeiro humor é aquele que dá um soco no fígado de quem oprime” (RIBEIRO, 2014, s/p)

A militante também utiliza a expressão “opressão”, ao citar o cartunista. Nesse caso, os grupos se delimitam pela genética e pela violência reiterada (iniciada na escravidão). Delimitamos como os grupos se formaram, agora podemos explorar como esses grupos estão divididos.

Contexto de divisão de grupos

Os grupos selecionados estão divididos. Nesse sentido, o capitão do mato é quem poderia pertencer a um grupo pela sua etnia (que forma um grupo), porém opta pela renda (uma parcela irrisória) do outro grupo. Assim, evidencia-se uma relação:

O capitão do mato moderno age no campo dos discursos reproduzindo o discurso do opressor, com um tom amenizador busca minimizar as situações de sofrimento de seus semelhantes e legitimar a ação dos que oprimem como naturais. Quando um negro professa o discurso de que “não existe racismo” ele autoriza ao racista praticar suas ofensas da mesma maneira que sempre praticou e ao mesmo tempo enfraquece as lutas dos movimentos negros. É o que faz o vereador pelo estado de São Paulo Fernando Holiday, um jovem

negro e homossexual que em sua plataforma política se fundamenta em: segundo ele, “Combater o vitimismo”, reduzindo pejorativamente as pautas dos movimentos negros e LGBTs, Suas principais reivindicações em sua campanha e seu mandado foram: O fim das cotas em universidades e concursos, o fim do dia da consciência negra e o fim das secretarias de promoção da igualdade Racial. Discurso este que agradou a uma elite branca e que rapidamente deu a ele todos os holofotes e recursos que ele queria. Reproduzindo velhos preconceitos Holiday chama de vitimistas todos aqueles que lutam contra o racismo ou contra a homofobia, um discurso perigoso em um país que pratica grande violência contra esses grupos.(FONSECA, 2017, s/p)

Ou seja, é utilizada a leitura pelo conceito pós-moderno de discurso. Esse discurso, sem o capitão do mato, é menos convincente para o grupo dominado. Ele disfarça justamente a separação dos grupos, e por isso ganha “holofotes” da “elite branca”. A atribuição direta entre raça e condição econômica fica ocultada. O militante parece ter ficado especificamente revoltado com a ocultação de violência direta que esses grupos subalternos (em uma expressão de Spivak (2016) sofrem.

Nesse ponto começa uma analogia com o passado escravista, ou melhor, uma estrutura que permanece a mesma a despeito da mudança do tempo histórico. Se o capitão do mato destruía os sonhos dos escravos pago pelos senhores, a mudança é no “elenco de atores” e não na “peça”:

O potencial destruidor dos capitães do mato foi rapidamente desenvolvido pelas grandes corporações como instrumento de combate as organizações sindicais. Através do discurso corporativista de que “o funcionário é parte da fábrica” é implantada a ideia de que o funcionário deve intensificar seu trabalho para o bem da fábrica, e de que greves são um prejuízo para fábrica e também para eles, assim, desmantela qualquer princípio de greve e faz com que cada funcionário seja um fiscal de seu colega ao lado, é o olho e a ideologia do patrão em todos os lugares, assim como na distopia de George Orwell em 1984, é a ideologia do grande irmão colocada em prática pelos operários. Assim destroem a consciência de classe e sufocam qualquer insurgência contra as relações de poder (FONSECA, 2017, s/p)

Ou seja, trata-se da oposição entre o individualismo (do senhor e do capitão do mato) contra o coletivismo da busca da liberdade do escravizado. Nesse caso, há uma relação nos termos de uma fábrica: um funcionário com o outro (de maneira bastante automática), criando a fiscalização coletiva (a maneira do *panopticon* foucaultiano). A educação seria a única maneira de quebrar o ciclo (de dominação) e de mostrar o conhecimento (a liberdade):

É preciso uma educação emancipadora e libertadora para identificarmos o quanto discursos como os de Fernando Holiday se assemelham aos discursos de seus senhores e qual o seu papel na construção e manutenção de privilégios históricos de determinados grupos, para não cairmos no engano de uma falsa representatividade, e entender que ele não fala por ele ou por seus semelhantes e sim, como um boneco de ventríloquo, fala com a voz e as palavras de seu explorador, sem perceber que para eles é apenas um instrumento descartável. Além disso, a educação nos proporciona não apenas identificar quem é quem nesse nosso conflituoso e confuso mundo, mas também nos permite mudar, e construir um novo discurso verdadeiramente autêntico como um sonoro grito de “CHEGA” dos excluídos, que seja capaz se contrapor aos discursos e práticas opressoras de uma sociedade que privilegia a tão poucos em detrimento de muitos (FONSECA, 2017, s/p)

Nesse sentido, ocorre uma falsa simetria: o capitão do mato é um boneco de ventríloquo, porém não percebe o seu manusear. Como se trata de uma junção de vozes de dois indivíduos, o coletivo excluído pode superar essa voz sonoramente, pela junção de gritos. Nesse sentido, a voz de Ciro representa moralmente a dos excluídos: “Por sinal, essas palavras do vereador do DEM, partido historicamente sem qualquer identificação com a causa negra, são muito mais próximas do racismo do que as declarações de Ciro” (FONSECA, 2017, s/p). Isso porque o conhecimento verdadeiro deve partir de se reconhecer esse contexto de desigualdade grupal, o que fica mais explícito a partir da estatística: “Recorro ao IBGE mais uma vez: os negros são apenas 17,4% da faixa mais rica de nossa população” (FONSECA, 2017, s/p). Ainda, nessa toada, foi dito que:

Fernando Holiday é um traidor da causa negra? Diria que sim. Ele é contra as cotas raciais, reproduz o discurso da elite branca do “vitimismo negro”, ataca o movimento negro com frequência e nega a dívida histórica que o Brasil tem com os descendentes dos escravos (BARRETO, 2018, s/p)

Ou seja, além de não permitir o avanço das animosidades entre os grupos (por motivos justos), o capitão do mato afirma que as ferramentas de luta são inúteis. Assim, a divisão de grupo acontece e não é percebida.

Mas há uma outra perspectiva que afirma que o capitão do mato não pode deixar de ter sua identidade racial respeitada:

Racismo é um ato inadmissível em qualquer situação e deve ser rechaçado independente de quem o tenha praticado e não importando quem tenha sido atingido. A expressão “capitão-do-mato” utilizada para classificar uma pessoa é um ato do mais abjeto racismo e racismo é crime inafiançável (MAGGIE, 2018, s/p)

Ou seja, a autora não está negando propriamente que situações de racismo não aconteçam, mas, ao contrário de outros militantes, ela considera a denominação racista, pois remete à raça - e não importa que o grupo tenha rechaço ao indivíduo e não mais o reconheça como membro. Nesse ponto, já que já houve o foco na dinâmica, que explica os dominados, e agora falta os dominantes.

Grupo privilegiado

É nesse ponto que começa a haver maior divergência entre os militantes com relação a quem é o grupo privilegiado. Pois, se até agora foi mais marcante o discurso mais coletivista, a partir desse momento fica mais marcante a fala de outros militantes. Essas falas serão foco na segunda parte desta seção:

Que triste é viver em um tempo onde oprimidos se vangloriam de seus momentos de opressão! Este mundo sempre foi um lugar de poucos privilegiados e de muitos excluídos. A equação parece simples, a lógica seria que aqueles em maior número se unissem e lutassem contra todas as mazelas que lhes são impostas, virando a mesa do jogo de poder. Mas na prática as diferenças só se intensificam, e o poder dos poucos privilegiados é mantido graças a uma cisão entre os excluídos, constatando aquilo Simone de Beauvoir dizia “O opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos.” (FONSECA, 2017, s/p)

O grupo privilegiado economicamente é o único privilegiado pelo seu monopólio financeiro e que se estende às ideias. E o que caracteriza esse grupo dominante é o monopólio da opressão, que é dividida com o capitão do mato. Este último acaba por “legislar contra si próprio”:

Mas o que leva alguém a defender os interesses que não são seus, e defender tão ferrenhamente os interesses daqueles que o oprime? A resposta é simples: Educação. A nossa sociedade é regida por uma forma de pensar hegemônica, um pensamento dominante, que é propagado em todas as esferas sociais pela figura que possui maior influência e privilégios o homem/branco/hétero/burguês. Sua forma de pensar é estabelecida como regra natural a ser seguida, um modelo de vida ideal, em que os demais devem se adaptar, os que não se encaixam no padrão são inferiorizados e subjugados, sofrendo os mais diversos tipos de violências simbólicas e físicas. Diante desse cenário e da perpetuação do pensamento dominante e da incapacidade de enxergar uma realidade diferente através de um questionamento do que lhe é imposto, o excluído passa a almejar como único caminho a seguir a busca pelos mesmos privilégios que seu explorador possui, como dizia Paulo Freire: “Quando a pedagogia não é libertadora o sonho do oprimido é ser o opressor.” Neste sentido a educação possui um papel fundamental para mudar este

cenário, pois somente ela é capaz de proporcionar uma emancipação de pensamento que conduza a um enfrentamento e a uma verdadeira afirmação social dos sujeitos que hoje são excluídos (FONSECA, 2017, s/p)

O grupo se mantém dominante por “um pensamento dominante, que é propagado em todas as esferas sociais pela figura que possui maior influência e privilégios o homem/branco/hétero/burguês”. É a educação que permite transcender o ocultamento, porque o discurso se traveste de naturalidade de pensamento dominante. Nesse sentido, as lutas sociais oportunizaram medidas como as ações afirmativas:

Não precisa ser gênio para saber que isso é fruto de uma herança maldita de nosso passado deixada para os negros e não da incapacidade deles em conseguir alçar voos mais altos. Mecanismos como cotas (sou a favor de cotas sociais que beneficia em sua maioria os negros) servem para corrigir distorções e não fazer dos negros vermes, parasitas ou porcos chafurdando no chiqueiro como afirma Holiday. Palavras que distorcem o papel do Estado numa sociedade tão desigual como a nossa(FONSECA, 2017, s/p)

Os mecanismos governamentais contrariam a estrutura de dominação prévia, corrigindo a dívida histórica. Nesse caso, “A desvantagem entre um negro um branco no Brasil começa na própria gestação. O caminho da infância a vida profissional para um negro tem muito mais percalços [...]” (FONSECA, 2017, s/p). O governador Ciro Gomes, no caso, seria um capitão do mato ao contrário por jogar luz aos dominados, o que não o torna um traidor por estar refletindo a verdade para esse militante: “Diferentemente de Holiday, Ciro reproduz em todas as entrevistas a necessidade de se criar mecanismos de inclusão social” (FONSECA, 2017, s/p). Essa noção de que destruir o poder instituído é justo é continuada:

Visivelmente, o cartunista tinha uma posição de embate ao poder instituído. Porém, infelizmente, não é o que vemos na grande mídia, salvo raras exceções. O que se vê é um humor rasteiro, legitimador de discursos e práticas opressoras e, que tenta se esconder por trás do riso. Sendo a sociedade racista, o humor será mais um espaço onde esses discursos serão reproduzidos. Não há nada de neutro, ao contrário, há uma posição ideológica muito evidente de se continuar perpetuando as opressões (RIBEIRO, 2014, s/p)

A filósofa argumenta que a sociedade brasileira por si só é racista, e a situação se mantém por meio dos discursos que se cruzam. Nesse caso, o humor precisaria ter seu conteúdo “povoado” de crítica para não deixar espaço para a opressão. A filósofa exemplifica como isso acontece:

Um dia, quando levava minha filha à escola, um grupo de adolescentes começou a rir do cabelo dela, o qual estava solto, lindo e com uma flor. Ela nem percebeu, mas eu me aproximei deles e disse calmamente: “estão rindo do que? O cabelo dela é lindo. Se eu voltar e vocês estiverem aqui, vou pegar um por um”. Claro que não faria nada disso, disse aquilo para assustá-los e consegui, mas ouvi críticas do tipo: “ah, mas só eram adolescentes brincando”. E eu me pergunto: quem se compadece da menina negra que terá sua auto-estima aviltada? Da menina negra que desde cedo é ridicularizada? (RIBEIRO, 2014, s/p)

Nesse caso, a derrisão estava de fato envolvendo a auto-estima da sua filha. A atitude envolveu, de fato, intimidação - nesse caso um gesto de resistência contra um sistema todo direcionado para a humilhação de determinadas identidades (a da menina negra ridicularizada). Nesse ponto, Ribeiro segue problematizando o riso naquilo que *deve ser rido*:

Há também aquela conversa de que devemos rir de nós mesmas, de nossos defeitos. Rir de mim porque sou distraída ou desastrada é uma coisa, por que raios deveria rir da minha pele ou do meu cabelo como se isso fosse um defeito em vez de partes lindas que me compõe? Por acaso, ser negra é defeito? No olhar do racista, é. Então, para ser aceita por ele, eu preciso rir daquilo que o incomoda, associar meu cabelo a produtos de limpeza, por exemplo. Mal passa pela cabeça dele associar seu cabelo liso a espaguete. Esse exemplo mostra como o racismo tem um papel preponderante naquilo que as pessoas julgarão engraçado e naquilo que não julgarão. Da mesma forma, julgam engraçado ridicularizar travestis, mulheres trans, como se a humilhação diária e a recusa a cidadania já não fossem suficientes (RIBEIRO, 2014, s/p)

Nesse caso, o humor está contornando alguns traços identitários (como a distração) e focando em alguns outros que reforçariam o racismo. O grotesco, nesse caso, serve ao ataque de minorias (como travestis, mulheres trans), que já são humilhadas e que não possuem cidadania atribuída. Nesse caso, o privilégio estava alocado naquilo que é derrisivo e que é desvio da norma padrão. Essa é uma visão um pouco mais estruturalista das relações raciais se comparada com a visão a seguir. Talvez a única diferença com os estruturalistas é que a estrutura não está escondida.

Por seu turno, a visão do professor Paulo Cruz, que defendeu Holiday da acusação de racismo, é a de que houve um rearranjo do racismo:

Vários líderes negros brasileiros foram atacados por chacais marxistas. Os já citados Abdias Nascimento e Alberto Guerreiro Ramos são casos notórios. Guerreiro Ramos, marxista ele próprio, escreveu livros criticando a esquerda

brasileira e sociólogos consagrados como Florestan Fernandes; foi lançado no mais profundo ostracismo.(CRUZ, 2019, s/p)

Nesse caso, os ideais do marxismo redirecionaram a resistência para uma divisão interna. De um lado, os chacais - “Pessoa muito má, que espreita a desgraça de outrem para beneficiar-se dela” (DICIONÁRIO INFORMAL, 2009) - e do outro líderes efetivamente preocupados com a causa negra em si. O mecanismo de segregação é o do ostracismo, de ignorar a existência para gerar uma imagem pública de uniformidade do movimento negro. Essa manobra vai ter uma consequência inesperada:

Aqui no Brasil, é público e notório que o nível intelectual dos líderes do movimento negro decaiu vertiginosamente. Um movimento que um dia ostentou figuras como José Bento de Assis e Alberto Guerreiro Ramos foi reduzido quase completamente à escravidão ideológica de teorias acadêmicas europeias, quando não a um bando de jovens iletrados nas redes sociais, que insistem em desprezar seus verdadeiros mestres para seguirem racistas como Karl Marx e Che Guevara – inventando, ainda, os mais estapafúrdios artifícios para defendê-los. A comunhão de ideais que pregam é falsa. O pan-africanismo como “a ideia de uma África unindo o pensamento e os ideais de todos os povos do continente negro” (W. E. B. Du Bois) só existe se você for acólito subserviente de sua doutrina. Como bem disse Abdias Nascimento: “A esquerda é cega, surda e muda no que se refere aos problemas específicos do negro [...] Para eles [...] todos são iguais perante a lei... do proletariado. Pobre de quem quiser ser diferente!” Tais militantes estão tão confortáveis na senzala ideológica, sob o racismo europeu, que ignoram completamente sua condição de servos. E a servidão é tão profunda, tão arraigada, eles amam tanto seus novos senhores (Marx, Foucault, Bourdieu, Sartre etc.), que, diferentemente de Malcolm e King, não pensam duas vezes em lançar seus irmãos às garras de racistas empedernidos única e exclusivamente por discordarem de suas posições (CRUZ, 2019, s/p)

Nesse caso, existe uma “senzala ideológica” que impede de fato de enxergar o problema racial pelo prisma propriamente racial, pois o marxismo e o pós-estruturalismo, ao invés de permitirem a percepção da situação real, a desviam para a ideia do proletariado. A senzala, portanto, está localizada nas ideias, o que causa as desigualdades e impede o combate ao racismo. Nesse caso, o privilégio fica explicitado num acontecimento específico:

Moore, cubano e dissidente da revolução de Fidel e Che Guevara, escreveu *O Marxismo e a questão racial*, tecendo duras críticas a Marx e Engels. Em 2014 participou de um debate sobre pan-africanismo e racismo, na Uerj, com o professor e político Mauro Iasi, comunista filiado ao PCB. Moore foi atacado por Iasi, que lhe mandou “estudar História”. A confusão que se instaurou no local foi tão grande que Moore, um senhor de mais de 70 anos, teve de ser escoltado por alunos para não ser agredido fisicamente. E o movimento negro

fez o quê? Nada. Alguns coletivos de negros marxistas apoiaram Iasi. Atitude vergonhosa para com um homem que conviveu com Malcolm X, Cheik Anta Diop e Aimé Césaire (CRUZ, 2019, s/p)

Nesse caso, parte esquerdista do movimento negro é o grupo privilegiado, e o deboche acontece com relação aos negros que não compartilham dessas ideias. Nesse caso, existe um olhar mais detido no grupo negro e menos na descrição das opressões sofridas. São duas percepções bastante destoantes, o que vai desembocar em uma definição de capitão do mato.

Definição própria de capitão do mato

Até o presente momento vimos o surgimento dos grupos, a oposição de dois deles e a produção do privilégio por via do confronto. Resta investigar a consequência dessas dimensões todas na definição do que é um capitão do mato contemporâneo. Começamos pela definição mais coletivista:

Durante o horrendo período escravagista no Brasil os negros que fugiam de suas senzalas em busca da liberdade dos quilombos eram perseguidos por outros negros os “Capitães do Mato”, que conheciam os caminhos da mata e que desfrutavam de pequenos privilégios oferecidos pelos brancos para cumprir a nojenta e vergonhosa tarefa de perseguir seus irmãos. A escravidão foi abolida, mas a função de capitão do mato não, hoje diferente de outros tempos a perseguição não é mais física e sim ideológica, seu potencial se ampliou se tornando mais eficaz, pois alcançou a todos aqueles que são oprimidos.(FONSECA, 2017, s/p)

Pode ser observado que não há propriamente uma reconfiguração do contexto, ele se mantém: a única questão que muda é a da comunicação social, uma vez que uma ideia se espalha mais rapidamente do que a perseguição do escravizado a pé. Nesse caso, o negro aparece, de maneira um tanto sartreana, como um ser ansiando pela liberdade e sendo barrado diante de sua efetivação. Nessa visão, o capitão do mato não é só o negro que renega os irmãos, mas sim a atitude:

Holiday é um exemplo fácil de ser identificado de capitão do mato moderno, mas precisamos ir além, e identificar também as manifestações sutis que estão entremeadas em nosso cotidiano, como quando mulheres reproduzem discursos machistas ao censurarem a roupa ou os hábitos de outra mulher, ou quando atribuem a culpa de uma violência como o estupro à própria vítima justificando e autorizando o comportamento dos agressores. Podemos identificar facilmente nas empresas os capitães do mato modernos, aqueles

operários que fiscalizam os colegas, denunciando aos patrões os que se movimentam para greves ou reivindicações. Estão por toda parte, destroem os seus semelhantes em busca de uma autopromoção, sem perceber que é apenas uma parcela maior de migalhas do que os demais recebem (FONSECA, 2017, s/p)

Nesse caso, a liberdade é um bem que é interrompido pela ação do capitão do mato metafórico, que mantém as estruturas de dominação de seres que desejam ativamente e reflexivamente sua liberdade. Essa situação somente pode ser superada pela inclusão:

Quando um negro como Holiday reproduz um discurso que não sugere mecanismo de inclusão social para os negros ele legitima um argumento que interessa a setores da elite branca que deseja perpetuar nossas injustiças históricas. Logo ele porta-se como um capitão do mato que tolhia a rebeldia dos negros que lutavam por liberdade(FONSECA, 2017, s/p).

Nesse caso, o capitão do mato está trabalhando para as “elites brancas” (os senhores) que perpetuam conscientemente as injustiças históricas. Nesse caso, fica bem evidenciado a luta de classes: o capitão do mato corresponde ao ideal marxista de cooptação, definido a seguir

Existem dois tipos de cooptação: a direta ou indireta. A primeira refere-se à cooptação realizada pelo próprio Estado que é efetivada quando existe um processo de financiamento do aparato Estatal sob os movimentos sociais, bem como cargos e outras vantagens. A cooptação indireta é a partir de instituições ou subterfúgios legais que ofuscam a visibilidade do processo de cooptação. Um exemplo do primeiro tipo de cooptação seriam as lideranças de algumas organizações mobilizadoras de movimentos sociais que são elencados para assumir cargos dentro do aparato estatal, conseguindo, assim, benefícios próprios. Exemplo do segundo seria empresas ou instituições estatais que financiam movimentos sociais via editais, concursos e etc. Uma forma de cooptação indireta importante são as políticas estatais (ou conhecidas como “políticas públicas”). As políticas estatais mudam em cada regime de acumulação, assumindo aquilo que podemos chamar de ordenamento. “Em cada uma delas, há uma forma de cooptação dos movimentos sociais (VIANA, 2016: p. 104). A cooptação atinge mais os movimentos sociais reformistas, sobretudo sua tendência hegemônica em seu interior (TELES, 2017, p.82)

Nesse sentido, é uma ilustração do conceito marxista de cooptação indireta com perfeição. Afirmar que o capitão do mato é o cooptado - o cooptador é a elite branca - é colocar a questão em termos de traição. Nesse caso, há um sistema bem estabelecido: há de um lado a liberdade e do outro anulação dela (o racismo). Não é sem motivo que o autor arremata: “Dizer que é racismo chamar de capitão do mato alguém como Holiday só reproduz mais racismo” (FONSECA, 2017, s/p). Atacar o ataque do atacante resulta no

reforço daquilo que se quer evitar, uma legítima dupla negação shakesperiana. Há uma outra definição de capitão do mato:

Então vos apresento o capitão do mato: era o funcionário das fazendas responsável pelas capturas dos escravos “fujões”. Muitos capitães do mato eram negros e por isso são sempre considerados traidores da causa de libertação dos escravos [...] Por que existiam capitães do mato? Porque os militares se recusavam a cumprir a tarefa subalterna de correr atrás de escravos que fugiam em ato de resistência. O capitão do mato recebia recompensas por escravos “recuperados” [...] Daí a inevitável comparação de negros que traem a causa negra com capitães do mato, repito. (BARRETO, 2018, s/p)

Novamente, o capitão histórico é trazido para estabelecer o paralelismo: ele substituíra os militares, e a ação dos escravos é um ato de resistência, o que criou uma “causa” negra e que possui uma continuidade. Esse tipo de posição é continuada pela filósofa:

Alguns humoristas, quando criticados, dizem estar sendo censurados. Há que se explicar para esses humoristas o que é censura. Primeiro, eles dizem e fazem coisas preconceituosas. Quem se sentiu ofendido, reclama. Onde está a censura nisso? Incomodam-se pelo fato de, cada vez mais, muitas pessoas denunciarem e gritarem ao ver suas identidades e subjetividades aviltadas; é como se dissessem “nem se pode mais ser racista, machista em paz”. Acreditam ter uma espécie de poder divino de falarem o que querem sem serem responsabilizados. Atualmente, pululam humoristas com esse viés. Comportam-se como semideuses, como Danilo Gentili, que chamou de macaco um moço que discordou dele. Marcelo Marrom, infelizmente, é um homem negro que faz piadas vergonhosas ridicularizando a si mesmo e pessoas negras. Age como uma espécie de neo capitão do mato, tentando caçar nossa dignidade, autoestima, que há anos lutamos para ter. Capitão do mato do humor para entreter a casa grande. Que a ancestralidade tenha misericórdia dele (RIBEIRO, 2014, s/p)

Nesse caso, há um *neo capitão do mato* (o prefixo grego equivale ao adjetivo contemporâneo), que não aceita o que chama “censura”, se considera semideuses e é negro (como o é Marcelo Marrom). O seu humor entretém a Casa Grande às custas da dignidade de seus semelhantes. Nesse caso, não se trata apenas de privar a liberdade: se trata de utilizar a dignidade alheia para o próprio bem individual. Resolve-se uma desigualdade de maneira pontual.

O capitão do mato moderno age no campo dos discursos reproduzindo o discurso do opressor, com um tom amenizador busca minimizar as situações de sofrimento de seus semelhantes e legitimar a ação dos que oprimem como naturais. Quando um negro professa o discurso de que “não existe racismo”

ele autoriza ao racista praticar suas ofensas da mesma maneira que sempre praticou e ao mesmo tempo enfraquece as lutas dos movimentos negros (FONSECA, 2017b, s/d)

Essas definições mais conflitivas não são as únicas. Podemos encontrar também definições mais individualistas, que partem ou não do liberalismo:

Fernando Holiday, coordenador do Movimento Brasil Livre, se declara liberal e é contra as cotas. Opinião, aliás partilhada por muitos outros negros. Será que merece então ser acusado de “capitão-do-mato” por ser contra as cotas ou “de direita”? Podemos concordar ou discordar de seus pontos de vista, mas ideias devem ser combatidas com ideias e não com agressões racistas [...] Aliás, Ciro Gomes parece nem saber que capitão-do-mato-durante o período da escravidão era um escravo escolhido para vigiar os outros escravos e perseguir fugitivos. Era especialmente perverso nos castigos a mando do senhor. E nada tem a ver com preconceito (MAGGIE, 2018, s/p)

Nesse caso, o capitão-do-mato histórico é destituído de sua vontade própria. Assim, ele também pode sofrer o racismo, e também era um escravo - o que o tiraria de ser cooptado. É interessante que essa foi o único questionamento histórico do capitão do mato, que não foi visto como traidor. Nesse caso, o acusador também é problematizado:

Convenhamos. Ciro Gomes e qualquer um que chame Fernando Holiday ou qualquer pessoa de “capitão-do-mato”, sendo de “esquerda” ou de um movimento negro, pratica um ato racista. Vivemos ou não em uma democracia? A democracia pressupõe diferença de opinião e de ideias e liberdade de expressá-las. Ideias devem ser combatidas com ideias e não com ofensas e com expressões do mais puro racismo que brota de mentes cruéis e inescrupulosas (MAGGIE, 2018, s/p)

Ou seja, a intenção de denúncia não absolve do ato racista, uma vez que isso calaria vozes negras diferentes - e que o conflito estaria voltado para a dimensão micro também. As ideias acabam não sendo combatidas com ideias: “Chamar alguém de “capitão-do-mato” é um ato de racismo tão violento quanto chamar um judeu de “kapo” – judeu obrigado a servir de polícia nos guetos e nos campos de concentração de chefe de alojamentos e crematórios” (MAGGIE, 2018, s/p). Nesse caso, o vocábulo capitão do mato é só uma maneira de se produzir cisão enfraquecedora dos negros diante de uma luta real.

A última definição é a do professor Cruz:

Mas ora essa, o fato de Holiday discordar do socialismo não significa que ele quer o mal dos negros; ele não trai a sua raça por acreditar que o liberalismo é a via mais adequada para diminuir a pobreza – inclusive dos negros. Ser contra o vitimismo do movimento negro atual – ou seja, buscando uma atitude proativa, de solução de seus próprios problemas sem a exploração sentimental das circunstâncias – não o coloca na posição de Negro da Casa Grande. Ele só está exercendo sua liberdade de pensamento. Toda a militância, quando o ataca (ou a qualquer outro negro) em nome da ideologia que é senhora de seus destinos, quando persegue um negro a ponto de deixá-lo ser ofendido por alguém que deseja, de modo evidente, usá-los para obter vantagens eleitorais, está fazendo o trabalho sujo de caçar aqueles que fogem da senzala ideológica, criada pela esquerda para reunir, sob seu teto (Casa Grande), toda a pauta do ressentimento social fomentado por ela, mantendo uma massa eleitoral cativa, obediente e cega. Traem a realidade histórica do próprio movimento em nome de folgedos e migalhas que caem das mesas dos senhores (CRUZ, 2019, s/p)

O autor foca basicamente em como o marxismo acabou por desviar a militância negra da questão negra - que deveria dar ênfase na solução racional dos problemas. É essa adesão que inverte os papéis: quem persegue outro negro por motivos eleitorais para agradar a Casa Grande (o movimento negro) acaba sendo o capitão do mato. Nesse caso, a estrutura da outra posição é a reaproveitada para produzir o conflito identitário, de uma maneira semelhante à maiêutica socrática.

Aliás, a palavra que apareceu, explicitamente, foi “Negro da Casa Grande”, muito embora a acusação contra Holiday tenha sido a de capitão. Essa expressão aparece também em outra parte do *corpus*, em uma fala do músico Marcelo D2:

Estou querendo tocar nesse assunto super delicado há alguns dias. E o negão do Bolsonaro, hein? Talvez essa seja a nova nomenclatura pro escravo da casa grande. Bater palma pro patrão, no caso aqui lamber o coturno do capetão. 'Eu não sou racista, tenho ATÉ um amigo preto (TERTO, 2018)

Baseado no material coligido até então, pode-se supor que se trata do Deputado Hélio, mas a figura do político é evocada mais para contextualizar a expressão Escravo da Casa Grande. Tal adjetivação pareceu não uma ressignificação, mas sim uma criação original: ele possuiria algum correspondente histórico? Aparentemente sim, porém não no Brasil:

Há algum tempo vem me incomodando, em diversas discussões entre pessoas negras (militantes ou não), o uso do termo “Negro da casa”. Esse termo é oriundo do termo em inglês “House slave”, e é utilizado em especial — essa parece ser a referência maior — no clássico discurso de Malcolm X, “Message to Grassroots”.

Ou seja, não há só uma historicidade por trás da questão, há também um atravessamento de discussões americanas. Isso talvez mostre que a colonialidade do saber não esteja apenas na indústria cultural ou na economia.

Análise dos dados: como funciona o racismo?

Todos os dados explorados podem ser agrupados dentro do quadro 1:

Quadro 1: consolidação dos dados

Concepções sobre o negro na busca da igualdade	Disruptiva	Integrativa
Racismo	Grupos contra grupos	Pessoas contra Pessoas
Origem da desigualdade	Sociedade fechada (Estrutura de dominação)	Sociedade aberta (heterogeneidade comportamental)
Dimensão de análise	Macro e histórica	Micro e individual
Capitão histórico	Cooptado	Coagido
Escravidão	Fenômeno simbólico	Fato histórico

Fonte: autoria própria

Pode-se observar que o material evidenciou duas concepções sobre o papel do negro no estabelecimento da igualdade: uma disruptiva e a outra integrativa. A primeira afirma, basicamente, que é preciso um rompimento do grupo com a estrutura da realidade atual; a segunda afirma que é possível uma integração gradual do grupo a partir da integração dos indivíduos. As categorias mostram como elas se arquitetam e argumentam.

Sobre o racismo, podemos verificar que, para o primeiro grupo, ele acontece de um grupo branco sobre o grupo negro, e o capitão do mato ajuda a esconder essa relação, mas ela é denunciada; já no segundo caso, o racismo existe, porém ele é apontado na relação entre indivíduos. Essa visão cria uma dicotomia, senão completa, no mínimo parcial: de um lado o grupo branco e autoritário, do outro o grupo negro e igualitário. Não existem, nesse caso, outras raças (como indígenas ou mongoloides), ou seus estigmas não são tão relevantes diante de um acúmulo de símbolos estigmatizantes por conta da escravidão. Com relação à origem da desigualdade, o primeiro grupo parece constatar que o Brasil é uma sociedade completamente fechada por uma estrutura de dominação inercial; já o integrativo parece acreditar que a sociedade está se abrindo, e aponta para

uma heterogeneidade comportamental que impede o estabelecimento de uma abertura total. É por esse motivo que o lado disruptivos analisa as situações partindo da dimensão macro e histórica, buscando perceber a incorporação da sociedade circundante; já o integrativo analisa as situações pela dimensão micro, ou seja, individual. Com relação ao capitão do mato histórico: um é a cooptação marxista materializada; o outro tem espaço para dúvidas, ele pode ser ou não coagido. Por fim, a escravidão também apareceu tematizada: para um lado, é só a expressão de uma estrutura que precisa acabar - a concretização das relações de produção e está a ponto de voltar por vias da exploração capitalista; para o outro, é um fato histórico que pode ou não voltar - não é certo que a história se repita, com ou sem consciência dela.

Esse primeiro grupo tem ideias parecidas com a de um intelectual chamado Franz Fanon, em especial quando esse remete ao negro que casa com uma branca:

Da parte mais negra de minha alma, através da zona de meias-tintas, me vem este desejo repentino de ser branco. Não quero ser reconhecido como negro, e sim como branco. Ora — e nisto há um reconhecimento que Hegel não descreveu — quem pode proporcioná-lo, senão a branca? Amando-me ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como um branco. Sou um branco (FANON, 2008, p.69)

Ou seja, o capitão do mato contemporâneo é esse ser optante que deseja fundir-se à etnia branca por meio de sua cooptação, mas não o consegue. Nesse sentido, a dignidade do capitão do mato não existe mais, o que permite combatê-lo em prol de uma causa maior. Já a segunda visão parece partir mais da tradição liberal:

Decimos que a las personas razonables no las motiva el bien general como tal, sino el deseo mismo de que hay un mundo social en que ellas, como ciudadanos libres e iguales, puedan cooperar con los demás en términos que todos puedan aceptar. Insisten en que la reciprocidad debe regir en ese mundo, de manera que todo el mundo se beneficie (RAWLS, 1995, p.68)

Nesse caso, a dignidade do indivíduo está acima de tudo, pois do bem de cada um deles soma-se o bem do coletivo. Essa afirmativa inclui até mesmo a história, pois a história não é maior do que o indivíduo. Nesse caso, a estrutura social não é completamente dominada por um grupo, mas sim é experimentado por cada um dos indivíduos.

Considerações Finais

Neste artigo lidamos com a discussão sobre o racismo no Brasil por meio do capitão do mato, uma adjetivação que surgiu em embates entre figuras públicas negras. Primeiramente revisamos o conceito de capitão do mato, para em seguida avançar para a análise da trajetória das figuras e sua resposta às acusações. Posteriormente, nos detivemos em textos de militantes que explicaram o termo. Aplicamos uma categorização no material bruto e encontramos algumas regularidades.

Essas regularidades apontaram a existência de dois grupos que utilizam o adjetivo: um que possui uma visão disruptiva sobre a busca da igualdade- no sentido de romper com a estrutura denunciando-a através da história, que se presentifica - e uma visão integrativa de busca de igualdade - que não considera a estrutura em si como problemática, e enxerga o passado como devir. Essas visões se aplicam a muitos assuntos, e, portanto, mandar um integrativo estudar história pode ser uma manobra infértil e etnocêntrica - da mesma maneira que um integrativo pedir a um disruptivo que aceite a realidade como é. De um lado a ideia de que a história pode ser um espiral se a dominação persistir. Do outro, a história é sempre reta, ou no mínimo mutável pela iniciativa pessoal.

É evidente que o ambiente intelectual brasileiro possui mais definições do que é o capitão do mato, deter-nos em duas delas é um tanto empobrecedor dessa realidade. Todavia, essas duas tratam-se de dois *frames* que são reaproveitados para outros debates sobre outros temas. O foco nesse caso permite caracterizar esses posicionamentos com mais evidências científicas, e essa caracterização é importante para viabilizar uma comunicação entre as partes. Isso porque, se o debate público não comunicar, ele estanca e produz mais tensão entre os cidadãos, além de não resolver problemas coletivos. E da tensão gera-se a desagregação e a violência recíproca.

O caso do capitão do mato mostra que a relevância de pesquisa é menor do que a importância arquetipal no sentido junguiano. Provavelmente os capitães do mato tiveram comportamentos desuniformes de cooptação e de coerção a depender do contexto de sua atuação; porém se eles forem complexificados, muitos grupos vão perder seu ímpeto político. O arquétipo está ali, portanto, transcendendo o tempo e criando a tensão que mobiliza a resposta.

Referências bibliográficas:

- BALDO, Mário. **O Capitão-do-mato**. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 1980.
- CAMARGO, Ciço. LíderCast 102 – Paulo Cruz. **Líder Cast**. 2018. Disponível em: <http://www.portalcafebrasil.com.br/lidercast/lidercast-102-paulo-cruz/> . Acesso em 15/08/2019.
- CRUZ, Paulo. Que papo é esse de Capitão do Mato? **Gazeta do Povo**. 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/paulo-cruz/que-papo-e-esse-de-capitao-do-mato/> . Acesso em 15/08/2019.
- DICIONÁRIO INFORMAL. Chacal. **Dicionário Informal**. 2009. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/chacal/>. Acesso em 12/08/2019.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: história, tendências e dilemas contemporâneos. **Dimensões**, vol.1, n. 21, 2008, pp.101-124.
- DURKHEIM, Émile. **A educação moral**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2017.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERNANDES, Vitor. Marcelo D2 chama deputado eleito de ‘negão do Bolsonaro’ e é acusado de racismo. **BHAZ**. 2016. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/bhaz.com.br/2018/10/31/marcelo-d2-negao-bolsonaro/amp/>. Acesso em 15/08/2019.
- FILGUEIRA, Ary. A sombra de Jair Bolsonaro. **IstoÉ**. 2019. Disponível em: <https://istoe.com.br/a-sombra-de-jair-bolsonaro/> . Acesso em 15/08/2019.
- FONSECA, Swelington. Os novos capitães do mato. **Além dos muros**. 2017. Disponível em: <https://www.alemdosmuros.org/single-post/2017/11/14/Os-Novos-Capit%C3%A3es-do-Mato>. Acesso em 15/08/2019.
- FUNARI, Pedro Paulo A. Heterogeneidade e conflito na interpretação do Quilombo dos Palmares. **Revista de história regional**, v. 6, n. 1, 2007.
- GOMES, Nilma Lino. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes. **Política & Sociedade**, v. 10, n. 18, p. 133-154, 2011.
- GUIMARÃES, Carlos Magno. Os quilombos do século do ouro. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 18, n. Especial, p. 7-43, 1988.
- HONNETH, Axel. O eu no nós: reconhecimento como força motriz de grupos. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 15, n. 33, p. 56-80, 2013.
- JUNIOR, Gilberto Miranda. Injúria Racial contra Capitão do Mato? **Filosofando na penumbra**. 2018. Disponível em: <https://medium.com/filosofando-na-penumbra/injuria-racial-ciro-gomes-7af4c8d44579> . Acesso em 15/08/2019.
- LAHIRE, Bernard. **Homem plural: os determinantes da ação**. Petrópolis, Vozes: 2002.
- MAGGIE, Yvonne. Capitão-do-mato? **G1**. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/blog/yvonne-maggie/post/2018/06/28/capitao-do-mato.ghtml> . Acesso em 15/08/2019.
- MARROM, Marcelo. Perfil. **StandUp Comedy Brasil**. Disponível em: <https://www.standupcomedy.com.br/marcelomarrom>. Acesso em 15/08/2019.

MARQUESE, Rafael de Bivar. A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negro e alforrias, séculos XVII a XIX. **Novos estudos CEBRAP**, n. 74, p. 107-123, 2006.

MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, p. 621-647, 2017.

MILITAR, Sociedade. HÉLIO LOPES BOLSONARO é chamado de Capitão do MATO. **YouTube**. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=2&v=t3ZXbbN85Is . Acesso em 17/07/2019

MORENO, R. C., & ALMEIDA, A. M. F.. “Isso é política, meu!” Socialização militante e institucionalização. **Pro-Posições**, n.20, v.2, p.59-76, 2016.

PAN, Pânico Jovem. "Capitão do mato": Marrom lembra treta com Djamila Ribeiro. **YouTube**. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QNI5VZSyjCE>. Acesso em 17/07/2019.

_____. 'Sou chamado de capitão do mato', diz Paulo Cruz sobre críticas do movimento negro. **YouTube**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j8m3GaGQ63k>. Acesso em 17/07/2019.

RAWLS, John. **Liberalismo político**. México : FCE, UNAM, 1995.

REIS, João José. Ameaça negra. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, n. 27, p. 18-23.

TELES, Gabriel. Para uma análise marxista dos movimentos sociais: contribuições de Karl Jensen e Nildo Viana. **Revista Despierta**, v. 4, n. 4, 2017.

RIBEIRO, Djamila. O verdadeiro humor é aquele que dá um soco no fígado de quem oprime. **Geledes**. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-verdadeiro-humor-e-aquele-que-da-um-soco-figado-de-quem-oprime-por-djamila-ribeiro/>. Acesso em 15/08/2019.

SADI, Andréia. Deputado amigo de Bolsonaro, Helio Lopes diz conversar 'com todo mundo' e abraçar opositores. **G1**. 2019. Acesso em: <https://g1.globo.com/politica/blog/andreia-sadi/post/2019/04/07/deputado-amigo-de-bolsonaro-helio-lobes-diz-conversar-com-todo-mundo-e-abracar-opositores.ghtml>. Acesso em 17/07/2019.

SETO, Kenzo Soares. VOCÊ SABE O QUE É MILITÂNCIA POLÍTICA? **Politize!**. 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/militancia-politica-o-que-e/>. Acesso em 17/07/2019.

SMRB. Deputado Hélio Lopes é atacado por ser negro e é chamado de “Capitão do Mato”. **Revista Sociedade Militar**. 2019. Disponível em: <https://www.sociedademilitar.com.br/wp/2019/05/deputado-helio-lobes-e-atacado-por-ser-negro-e-chamado-de-capitao-do-mato.html> . Acesso em 15/08/2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty; RIACH, Graham. **Can the subaltern speak?** London: Macat International Limited, 2016.